25°enancib
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
Informação, Decolonialidade e Direitos Difusos para o Desenvolvimento Sustentável
3 a 7 de novembro de 2025 - Rio de Janeiro

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

O SUJEITO INFORMACIONAL E A CULTURA: UMA CONTRIBUIÇÃO ANTROPOLÓGICA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

THE INFORMATIONAL SUBJECT AND CULTURE: *AN ANTHROPOLOGICAL CONTRIBUTION FOR INFORMATION SCIENCE*

João Dantas dos Anjos Neto – Universidade Federal de Goiás (UFG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: o "sujeito informacional" tem sido amplamente utilizado na Ciência da Informação (CI) para designar novas perspectivas que se desdobram a partir do indivíduo envolvido nos processos de busca, uso e apropriação da informação, como primeiras formulações conceituais. Contudo, muitas vezes é tratado desvinculado de aspectos culturais, simbólicos e históricos que moldam a informação e a experiência humana. Fornecer uma revisão de literatura de sujeito informacional em quatro pesquisadores, a saber Birger Hjørland, Maria Nélida González de Gómez, Michael Buckland e Carlos Alberto Ávila Araújo, e criticar esse conceito usual sob uma perspectiva antropológica. Para isso, confronta-se o termo com a visão de cultura e natureza, sobretudo em Eduardo Viveiros de Castro e Tim Ingold, propondo uma abordagem relacional. De caráter qualitativa, a escolha dos autores se deu por meio de consulta a cinco doutores da CI e no banco de teses da CAPES-CNPq. Analisaram-se prioritariamente obras originais, evitando fontes secundárias, salvo em casos de indisponibilidade. A análise mostra que, apesar de relevantes, autores de CI frequentemente tratam o sujeito informacional com ênfase funcional e comportamental, desconsiderando a dimensão cultural. Argumenta-se, em oposição, que o sujeito é constituído pela cultura e que a informação é criada na relação com o mundo. Conclui-se que a informação não é um ente separado, mas é construída em relação ao sujeito informacional. Assim, o sujeito informacional deve ser compreendido como um ser histórico, simbólico e culturalmente situado. Trata-se de um estudo preliminar que não busca exaurir a discussão.

Palavras-chave: sujeito informacional; cultura; antropologia da informação.

Abstract: the concept of "informational subject" has been used in Information Science (IS) to designate the individual involved in the processes of searching, using, and appropriating information. However, the theme is often treated in isolation from the cultural, symbolic, and historical aspects that shape human experience with information. To provide a literature review of the informational subject as discussed by four researchers, namely Birger Hjørland, Maria Nélida González de Gómez, Michael Buckland, and Carlos Alberto Ávila Araújo, and to critique this usual concept from an anthropological perspective. To achieve this, the study confronts the term with views of culture and nature, particularly in the works of Viveiros de Castro and Tim Ingold, proposing a relational approach. With a qualitative character, the selection of authors was made through consultations with five PhDs in Information Science and the CAPES-CNPq thesis database. The analysis primarily focused on original works, avoiding secondary sources unless they were unavailable. The analysis shows that, although relevant, IS authors often approach the informational subject with a functional and behavioral emphasis,

disregarding the cultural dimension. It is concluded that information is not a separate entity but is constructed in relation to the informational subject. Thus, the informational subject should be understood as a historically, symbolically, and culturally situated being. This is a preliminary study that does not aim to exhaust the discussion.

Keywords: informational subject; culture; anthropology of information.

1 INTRODUÇÃO

Na prática acadêmica, noto que pesquisadores e professores de áreas como a Ciência da Informação (CI) costumam mostrar-se receptivos quanto às discussões antropológicas sobre natureza e cultura, mas muitas vezes passam ao largo de bibliografias específicas devido à hiperespecialização e à divisão do conhecimento em nossos meios.

Por outro lado, a Antropologia não compreende a modulação da informação na perspectiva exclusivamente de dados estabelecida como universal[1]. Geralmente é feita uma investigação ou abstração a respeito de determinada cultura e suas especificações, observando padrões de valoração que não necessariamente sejam informacionais ou de dados, mas que se constatam por outros processos tidos como culturais, sociais, simbólicos etc. Afinal, em muitas culturas a comunicação vai além da abordagem dataísta[2]. É um processo de tradições, crenças, práticas e relações interpessoais que inclui a forma pela qual o que chamamos de "informação" é criada, percebida, interpretada e utilizada dentro de um contexto específico[3].

Ainda assim, a aproximação entre CI e outros saberes, incluindo a Antropologia, é absolutamente pertinente e vem se consolidando nos últimos anos:

> Constitui-se assim sua interdisciplinaridade [da Ciência da Informação], característica cada vez mais presente como componente da Ciência na sociedade atual, em que a magnitude dos problemas enfrentados (ecológicos, étnicos, demográficos) está a exigir soluções inovativas e plurais. A ciência da informação vem se consolidando, então, a partir de elementos emprestados da matemática, da física, da biologia, da psicologia, da sociologia, da **antropologia**, da semiologia e da teoria da comunicação e de

[1] Para registros de coleta etnográfica, segundo Margaret Mead (1928, p. 264 *apud* Bortolami, 2024, p. 150) em sua observação numa aldeia de Samoa, "dados quantitativos representam o esqueleto mais simples do material que foi coletado através de meses de observação dos indivíduos e dos grupos, sozinhos, em suas casas e em jogo", informação de detalhes, atitudes, memórias, interesses que "não pode ser reduzida a tabelas ou declarações estatísticas".

[2] Por exemplo, a comunicação estabelecida pelo povo Waurá, habitantes da Terra Indígena do Xingu, não é entendida da perspectiva do que só é dado e informação, visto que são comunicações também intuitivas.

[3] Sejam os múltiplos contextos ameríndios estudados por Viveiros de Castro (2002a) ou do homem com o meio ambiente em Tim Ingold (2000).

> quantas ciências puderem contribuir para sua fundamentação e aplicabilidade (Cardoso, 1996, p. 74 *apud* Araújo, 2003, p. 22, grifo nosso).

Mesmo que para uma área o papel cultural seja menos central, e para outra ele seja fundamental nos processos de significação e identidade; que de um lado o enfoque seja técnico e sistêmico, e de outro contextual; que em uma a organização e o uso da informação sejam as principais preocupações, enquanto na outra trata-se da produção de sentido e transmissão de saberes, há muito o que se costurar para aprender e enriquecer.

Nesse aspecto, o presente estudo tem enfoque no conceito de "sujeito informacional", amplamente difundido na área da CI como o indivíduo que ativamente está inserido nos processos de busca, uso e apropriação da informação, seja no ciberespaço ou em espaços tangentes. O que procuraremos mostrar é que há limitações com relação ao termo, visando contribuir para a discussão. Qual o conceito de cultura que permeia o sujeito informacional para quatro pesquisadores da área, Birger Hjørland, Maria Nélida González de Gómez, Michael Buckland, e Carlos Alberto Ávila Araújo? E, sobretudo, como esses pesquisadores de CI aplicam o conceito de informação e cultura? Como entendem a cultura para tratar do sujeito informacional?

A crítica (contribuição) proposta neste estudo sugere que o sujeito informacional não pode ser visto apenas como um agente que busca e utiliza informações de forma isolada. Em vez disso, considera-se que o sujeito é constituído por sua cultura, e que a informação é construída nas relações que ele estabelece com o mundo ao seu redor em uma perspectiva tempo/espacial da relação sujeito e informação, sendo sempre única, indissociável e não replicável, se rompermos com o paradigma comportamental-behavorista.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada é de natureza sobretudo qualitativa, uma vez que busca compreender e interpretar o conceito de sujeito informacional sob uma perspectiva antropológica. O tipo de pesquisa é descritivo-exploratório, que visa revisar a literatura existente sobre o tema no âmbito da CI e criticar de forma contributiva as abordagens convencionais de ambas as áreas, sem a intenção de quantificar dados ou generalizar resultados. O método empregado consiste na análise crítica de obras de autores contemporâneos relevantes na área da Ciência da Informação e da Antropologia, permitindo uma reflexão panorâmica sobre o conceito em questão.

Após a busca no banco de teses da CAPES/CNPQ com as palavras-chave "sujeito informacional" e "sujeitos informacionais", foram encontradas cerca de 26 teses (chegam a mais de 500 quando a pesquisa é feita sem as aspas). Posteriormente, foram selecionados cinco pesquisadores relevantes no tema e na área da informação. A metodologia para se chegar a estes autores deu-se da seguinte forma: foi solicitado a cinco pesquisadores com Doutorado em Ciência da Informação em programas com nota superior ou igual a 6 (que implica, para a CAPES/CNPQ, internacionalização) que disponibilizassem uma lista de nomes com importância global e nacional. Subsequentemente, consideraram-se os quatro supracitados.

Evitou-se buscar referências desses autores em fontes secundárias, porém isso ocorreu quando não encontradas nas fontes primárias, por dificuldade de disponibilidade de material em meios digitais ou impressos. Do contrário, foram as fontes primárias as escolhidas em traduções para o português em obras do tópico tratado. Ademais, levaram-se em consideração as diferentes origens dos autores, Hjørland é dinamarquês, González de Gómez e Araújo são brasileiros e Buckland é inglês, como forma de expandir as perspectivas e os contextos de cada um.

Posteriormente, com certo arcabouço antropológico, busca-se contrastar conceitos e entendimentos a respeito de informação e sujeito. Para o âmbito da Antropologia, teorizou-se a partir sobretudo de autores como Viveiros de Castro e Tim Ingold, trazendo uma discussão paradigmática sobre natureza e cultura.

Os procedimentos de análise de dados envolveram a leitura atenta dos textos, a identificação de temas recorrentes e a comparação das diferentes abordagens apresentadas pelos autores. A partir dessa análise, foram elaboradas reflexões sobre as limitações das concepções existentes e a necessidade de uma abordagem mais relacional, que considere os aspectos culturais e simbólicos que influenciam a experiência informacional.

3 RESULTADOS DA REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura busca fontes variadas para construir uma apresentação preliminar do tópico. Constatou-se que os termos pesquisados concentram-se em determinadas áreas, sobretudo Ciência da Informação, Biblioteconomia, Educação e outras de menor incidência. Os quatro autores pesquisados fornecem diferentes ângulos teóricos sobre a CI e o sujeito informacional, conforme esquematizamos:

Quadro 1 – Abordagens encontradas

Autor(a)	Resumo de abordagem geral
Birger Hjørland	Defende uma abordagem sociocognitiva e epistemológica, centrada nos contextos comparativos do conhecimento.
Maria Nélida González de Gómez	Propõe uma visão crítica e multi/interdisciplinar, tendo como ponto de partida a filosofia da linguagem.
Michael Buckland	Explora a multiplicidade da informação como “coisa”, processo e conhecimento, com enfoque pragmático.
Carlos Alberto Ávila Araújo	Adota uma perspectiva crítica e situada, valorizando a mediação e os aspectos sociopolíticos da informação.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Partimos do entendimento de sujeito informacional de acordo com os cinco pesquisadores supracitados da área da CI. Primeiramente, é preciso admitir que esse termo obviamente parte da concepção de sujeito, mas especificamente na forma de usuário. Basicamente, o termo "sujeito informacional" tem sido emergente e supre a insatisfação de pesquisadores da CI com relação à designação mais tradicional "usuário da informação" (Araújo; Carmo, 2019).

De “usuário” à “sujeito” há certamente um salto qualitativo, pois usuário é nada mais do que "quem usa a informação". Portanto,

> […] não parecia pertinente a estudos em uma perspectiva social, focada em entender os contextos socioinformativos, considerando os elementos sociais, culturais e históricos das relações sociais de quem cria, compartilha e se apropria, em suma, lida com a informação de diversas formas (Araújo; Carmo, 2019).

Ainda em Araújo e Carmo (2019), admite-se enquanto premissa que “sujeito” requer uma relação com o objeto informacional, considerando que:

> […] na sociedade contemporânea, há aumento das tensões e desigualdades sociais, fazendo com que os sujeitos se confrontem e se articulem social, política e culturalmente com múltiplos discursos de diferentes contingências sociais, tomando escolhas para, por meio da informação, constituírem-se enquanto sujeitos, participarem socialmente e construírem identidades culturais autônomas [...]

Nota-se, assim, que há empenho de pesquisadores da CI nos últimos anos em demarcar aprofundamento analítico do termo com outras áreas:

> Além disso, a questão torna-se complexa, pois há, por vezes, estudos que buscam uma nova forma de compreensão de quem lida com a informação, buscando ampliar o olhar, mas ainda assim optam pelo emprego do termo usuário e, da mesma forma, **há estudos que podem utilizar o termo sujeito informacional, mas sem fazer, de fato, uma análise do contexto e da perspectiva social, contextual e cultural da relação social do sujeito com a informação** (Araújo; Carmo, 2019, grifo nosso).

Esta última afirmação destacada justifica a importância deste estudo. A cultura e o sujeito – sobretudo o informacional – existem mais do que relacionados, eles são mutuamente implicados. Abordar os aspectos subjetivos requer que seja feita uma análise das relações sociais que os influenciam, assim como qualquer análise cultural em macro escala é incompleta sem considerar as implicações particulares sobre os sujeitos. A análise informacional, em direção a uma união com as humanidades, requer a mesma atenção.

Mas o que pode a Ciência da Informação? A CI abrange “a geração, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação, e uso da informação, com ênfase particular, na aplicação de tecnologias modernas nestas áreas” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 186). Segundo Hjørland (2002), que compara behaviorismo, cognitivismo, psicanálise e neurociência, o usuário passa a ocupar espaço central na CI, e seu comportamento e necessidades informacionais são ferramentas importantes para elementos de natureza sociocognitiva. Nessa perspectiva, a interação do sujeito com a informação é mediada pelos domínios do conhecimento.

A melhor intenção que encontramos da CI é a de tornar a informação “cada vez mais, um elemento de inclusão social” (Freire, 2006, p. 17). Ou seja, reivindica-se uma responsabilidade social de cientistas e profissionais da informação. Mas o que é informação? Para Buckland (1991a), o termo “informação” em CI é utilizado com relação a conhecimento e processos, reintroduzindo o conceito de documento ou de documentação. Nele, a informação é uma "coisa", indicando como natureza subjetiva. A consequência dessa contribuição reside na seguinte colocação: "*Concluímos que somos incapazes de dizer, de modo confiável, sobre qualquer coisa que não pudesse ser informação*" (Buckland, 1991a, p. 50, grifo do autor). Não podemos dizer sem maior investigação que algo não seja simbólico,

mas há ainda um impasse relacionado ao fato de que, até agora, a informação é concebida como um ente separado do sujeito, o que buscaremos questionar.

A enriquecedora abordagem antropológica nos diz que é preciso trabalhar o conceito de "sujeito" até suas últimas implicações. Para além de um mero indivíduo ou usuário de informação, o sujeito é aquele que existe indissociável da cultura a qual pertence; ele traz consigo todo um contexto sociocultural que precisa ser analisado em conjunto com as especificidades do sujeito informacional. O sujeito *é* a cultura, e essencial para o funcionamento desta é a informação e a maneira que ela circula dentro de suas particularidades. O sujeito informacional, em uma perspectiva antropológica, aparece atravessado pela cultura, em partes implicado por elas, e assim inseparável da informação. É fortuita uma análise de como esses fatores aparecem interconectados entre si.

O fenômeno informacional, argumenta González de Gómez (1999), tem pluralidade de entendimento, não havendo definição única de informação. Notamos ainda em González de Gómez (1999, 2000) considerações sobre autores caros à antropologia contemporânea e o conhecimento antropológico-linguístico como uma das condições possíveis de produção do conhecimento da informação enquanto estrato informacional. Nesse aspecto, a modalidade é intersubjetiva de significação, definindo um testemunho ou evidência de informação cultural e socialmente, bem como sua geração, transmissão, recepção e adesão.

Ainda nessa autora, a pesquisa em CI:

> [...] deve agregar um **excedente epistemológico** ou um **excedente de problematização** a toda hipóteses construída num domínio interdisciplinar ou interdiscursivo: à hipótese linguística, a hipóteses da sociologia do conhecimento, à hipóteses antropológica, à hipóteses comunicacional, a hipóteses das Ciência da Computação ou Informática, **de modo que o excedente de informação que resulte da pesquisa tenha de fato um caráter interdiscursivo ou transdisciplinar de cunho informacional** (González de Gómez, 2000, p. 7, grifo do autor).

A antropologia pode ser abrangida para a CI como uma das "diversas culturas de evidência" (González de Gómez, 2000, p. 9-11) junto à economia, engenharia e computação:

> Uma abordagem antropológica, que lida com a informação como artefato ou dimensão da cultura, requer trabalhar com centralidade o conceito de cultura, com consciência de sua diversidade de abordagens e com a escolha de uma abordagem preferencial (González de Gómez, 2000, p. 7).

Com isso em mente, a antropologia pode contribuir para a CI por meio de sua premissa básica de que todo o mundo humano, a cultura, é significação: um conceito muito apropriado para o estudo das informações. Com esse entendimento, a CI pode achar na antropologia ferramentas que associam seus conceitos com o fim de relacionar os processos de construção de significados culturais com as formações e usos da informação.

Os resultados da análise revelam que, embora os autores selecionados façam contribuições significativas para a discussão sobre a CI e o sujeito informacional, há tanto um empenho em se abrir para outras disciplinas de Humanas quanto a tendência a tratar o conceito de maneira fechada.

Se o objetivo é ampliar o escopo de análise da CI, a cultura não deve ser abordada como só mais um elemento externo ao sujeito, um fator episódico de análise. Ao unir o conhecimento com a Antropologia, deve-se ver a cultura como o conjunto de significados sociais que constituem o sujeito enquanto tal, indissociável dele, como o elemento totalizante que permite que as informações circulem e o sujeito informacional se forme. Os fatores culturais devem ser considerados essenciais durante todo o processo de estudo.

4 CRÍTICA DO SUJEITO INFORMACIONAL E DISCUSSÃO DE NATUREZA E CULTURA

Precisamos investigar o quanto de um termo a outro (do usuário da informação ao sujeito informacional) ainda carrega pressupostos de determinadas visões de mundo. Não é necessário ir muito longe na problematização de que a perspectiva antropocêntrica desconsidera os não-humanos como sujeitos, abandonando o aspecto ecológico. Basta considerar que há diferentes teorias do sujeito e da subjetividade, e as categorias de pessoa e indivíduo no âmbito antropológico apresentam paradigmas e abordagens diferentes. O que nos interessa é discutir a concepção de sujeito, e mais especificadamente sujeito informacional, inserido na reflexão a respeito de cultura. De antemão, pressupomos que o sujeito não pode estar desacompanhado do discurso e da ação, sob pena de ser um robô mecânico (Arendt, 1997, p. 191 *apud* Araújo; Ramos, 2023). Vimos anteriormente que a ação até é considerada no âmbito do sujeito informacional, mas não tanto o seu discurso, ou a construção do discurso da informação.

Consideraremos, no fim deste texto, que nos últimos anos estudos têm mostrado que a investigação ou mesmo retomada do conhecimento de povos africanos e indígenas rompem com a velha perspectiva sujeito-objeto, que, a depender do uso, é base do racismo acadêmico-

epistêmico (Alves-Brito; Macedo, 2022, p. 403). A história da Antropologia é célebre nesse caso, em que o objeto de estudo era o selvagem e o sujeito, o antropólogo civilizado. Essa noção, no decorrer do desenvolvimento da área, foi cedendo lugar a um encurtamento da distância entre sujeito e objeto, por exemplo pela via do trabalho de campo etnográfico participante (Bortolami, 2024).

Em um primeiro aspecto, se encararmos que os pesquisadores supracitados da CI entendem o sujeito informacional primeiramente como um indivíduo que é movido por uma busca, mesmo considerando contextos socioculturais (Araújo, 2013) trata-se de uma premissa que sobrepõe o comportamento às dimensões da cultura, sem considerar como se constrói o desejo dessa busca a partir de uma demanda cultural e de determinadas interações. Nota-se o problema de compreender o sujeito informacional como "indivíduo da busca" sem trazer a perspectiva do universo simbólico da cultura que desperta o próprio desejo que cria a vontade, que gera uma demanda e, por sua vez, gera uma relação de desejo como necessidade, entendida culturalmente.

A necessidade se expressa na cultura como desejo, emoldurada por ela. Assim, a partir da fome, por exemplo, é dado ao pensamento de determinada pessoa um *fastfood* da propaganda capitalista; ou suponhamos que alguém tenha dor de cabeça e acesse o ChatGPT para saber exatamente o que se quer. Há limitação quando se pensa na busca do sujeito informacional sem considerar o processo que a antecede: a carga simbólica a qual faz parte e como eles interagem na própria busca, que, ao contrário do que se possa pensar, não é um processo automático que surge instantaneamente.

Por conseguinte, podemos pensar na recuperação de uma determinada informação; no geral, desconsidera-se a impossibilidade do sujeito informacional de recuperá-la. Do ponto de vista culturalista, a informação se constrói a partir de interações, considerando correntes de viés pós-estruturalista na esteira de uma antropologia da percepção, como a de Tim Ingold (2012), para quem a dicotomia natureza e cultura deve ser questionada, paradigma a ser contrastado com certa perspectiva ecológica. Em continuidade com as esferas biológicas e culturais, o engajamento no mundo do paradigma ingoldiano aponta para a construção de corpo e percepção em âmbitos cultural e biológico. A constituição do ser humano ou da pessoa (constituição social) e seu organismo (constituição biológica) apontam para um *locus* de crescimento em que se identificam humanos e não humanos, interpelando o processo ontogênico (Ingold, 1998).

Nesse processo, a construção da informação dá-se a partir do contato do indivíduo portador de seu repertório cultural que, portanto, tem a tecnologia e ferramentas desta cultura para ler o universo e acessar seu conteúdo simbólico, e consequentemente ele faz a leitura desse utensílio ou desse dado. Nesse momento, constrói-se um sentido ou informação. As categorias “cultural” e “natural” precisam ser colocadas com menor ênfase do que a importância da compreensão de práticas cotidianas e relações ecológicas (Ingold, 2000).

Então, o conceito meramente informacional de recuperação não é possível, visto que determinada informação foi constituída em primeiro momento num tempo histórico de dimensão cultural. Uma vez que esse tempo-espaço é alterado, essa relação significado-significante também se transforma. Isso contrasta com a noção anterior, que não deixa de ser positivista, que certamente encontra raízes em filosofias como a de Kant (*apud* Machado, 2016), em que encontramos a parte da "Analítica Transcendental" segundo a qual o conhecimento, em seu segundo momento após a experiência sensorial da "Estética da Sensibilidade", recebe passivamente as categorias do objeto. A realidade existe por si mesma, mas sua compreensão e apreensão passariam por categorias de conhecimento a fim de que seja organizada e interpretada. Isso significaria que "as categorias de conhecimento organizam as informações recebidas em conceitos que possibilitam a inteligibilidade do fenômeno" (Machado, 2016, p. 139).

A metáfora da teia de aranha em Ingold (2015) fornece uma visão das trajetórias trilhadas pelos sujeitos em sua construção de habilidades, histórias e percepções ao longo da vida, mas as linhas também o constroem ao mesmo tempo que são construídas por ele: "meu argumento afirma que a ação [...] emerge da interação de forças que são conduzidas ao longo das linhas da malha” (Ingold, 2015, p. 148). É preciso considerar que essas malhas não são fechadas em si, mas sim construções emergentes, e a ação é caracterizada pelos encontros dos fios. O aspecto relacional é fundamental para tratar de sujeito, busca e informação.

O sujeito informacional pode passar a considerar o discurso, a memória etc. Portanto, a definição de sujeito informacional como aquele que vai buscar a informação e depois está imerso numa cultura contém equívocos; não há essa separação do sujeito e da cultura, já que ele não está simplesmente imerso, ele é a cultura também. Mesmo definindo categorias sociológicas quando trata de grupos sociais (Araújo, 2017), muitos estudos de CI tendem a não ter a percepção do recorte de onde tais categorias sociológicas estão situadas.

Podemos observar que a discussão sobre a CI está bem avançada (Freire, 2006), no entanto o sujeito informacional não a acompanha. Em algumas culturas ou contextos sociais, o papel do sujeito na produção e no uso crítico da informação ainda é passivo ou subordinado, o que contrasta com a ideia de um sujeito ativo, autônomo e crítico.

Em sua inscrição antropológica e mesmo filosófica, Viveiros de Castro (2015, p. 20) fala sobre a "teoria-prática da descolonização permanente do pensamento", e contribui valiosamente com as demais áreas do saber e do conhecimento ao incentivar uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e as narrativas dominantes na organização e disseminação da informação. O autor discute a importância de entender as relações como defasadas em múltiplas dimensões, o que se aplica à forma como a informação é organizada e interpretada. Partindo da perspectiva ameríndia e da filosofia deleuze-guattariana, a ideia viveiros-de-castriana de que "toda relação deve ser entendida como se defasando em, pelo menos, outras duas relações" (Ferreira, 2016, p. 172) pode inspirar novas abordagens na categorização e estruturação da informação.

Nossa cultura, em contexto ocidental, é invariável tal qual a dos ameríndios, logo as relações e afecções se alteram além da uniformidade biológica de corpos: “as culturas não são apenas interpretações diversas de um mundo continuamente desvelado em si pela ciência, pressupondo uma hierarquização nas formas de conhecer, mas construções de realidade que significam formas de se viver e se relacionar” (Machado, 2017, p. 154).

Há uma disparidade de perspectivas que influencia a forma como sujeito e informação são percebidos e mesmo utilizados. O pensamento ameríndio pode mudar nossas áreas de saber, por exemplo, ao mostrar para a antropologia que os dualismos das ciências sociais modernas, ainda que fundantes, desdobram-se em uma relação de entrelaçamento e transformação recíproca, mas também de forma extensiva em que se diferenciam e até mesmo se opõem (Ferreira, 2016, p. 172). No tema do sujeito informacional, certamente a dualidade cultura e natureza, tão frequente na história da antropologia, é das mais pertinentes.

Mesmo a antropologia tende a um excesso de enfoque epistemológico, daí a alternativa do pensamento ameríndio e seu multinaturalismo. A diversidade cultural é considerada pelas cosmologias modernas, porém o multinaturalismo ameríndio, apesar das variações na natureza, sugere que existe uma unicidade cultural (Viveiros de Castro, 2002a). “Como está claro, penso que a distinção natureza/cultura deve ser criticada, mas não para

concluir que tal coisa não existe (já há coisas demais que não existem)" (Idem, p. 349)[4]. A dicotomia universal é desafiada em uma proposta que visa a superação dualista, mas não por meio de um vazio existencial, e sim "exatamente por sua realidade construída e, portanto, localizável contextualmente" (Machado, 2017, p. 146).

Temos formas alternativas de categorização e indexação da informação sem necessariamente oposições fixas (como sujeito/objeto, natureza/cultura, selvagem/civilizado, indivíduo/sociedade), mas em redes de diferenças e relações: "não são as relações que variam, são as variações que relacionam" (Viveiros de Castro, 2002b, p. 123).

Dessa forma, o sujeito informacional, como parte de uma cultura, é construído socialmente com determinados desejos que se manifestam de vontades e demandas, articulando-se assim com as tecnologias e espaços tangentes, arcando com esses custos para suprir lacunas e satisfazer desejos. Essa informação é construída no processo e não é simplesmente dada. A grande questão, para nós antropólogos, é que a informação não é um ente separado, mas construída em relação ao sujeito informacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os resultados mais significativos desta pesquisa, identificamos que a função informacional precisa questionar o processo no qual está e aprofundar a influência de outros fatores para além do comportamental-behavorista. Concluímos que o sujeito é constituído pela cultura, que não busca simplesmente a informação, e que esta é produzida na própria relação entre sujeito, com seus discursos, desejos, memórias, implicações históricas etc., e mundo, não sendo a informação um ente externo a ser simplesmente recuperado ou consumido. Observamos, portanto, que essa relação é processual, relacional e dinâmica.

Vimos que a visão tradicional do usuário ou sujeito informacional, muitas vezes descontextualizada, pode levar a uma compreensão limitada das práticas informacionais. Ao ignorar os aspectos culturais e históricos que moldam a relação do indivíduo com a informação, corre-se o risco de simplificar a experiência humana e de não reconhecer a diversidade de formas como as redes de informação são criadas, apropriadas e utilizadas.

Os resultados também indicam que a proposta de uma abordagem mais relacional

[4] Viveiros de Castro relembra que o "valor sobretudo metodológico" atribuída a essa dicotomia por Lévi-Strauss (1962b, p. 327 *apud* Viveiros de Castro, 2002a, p. 349) é, "aqui, entendida como valor sobretudo comparativo".

pode contribuir para o desenvolvimento de novas práticas e políticas na área da Ciência da Informação. Ao considerar o sujeito informacional como um ser culturalmente situado, é possível criar estratégias que respeitem e integrem as particularidades das diferentes comunidades e contextos sociais.

Os objetivos foram atingidos no sentido de fornecer uma revisão crítica de literatura sobre o tópico de sujeito informacional e contrastá-lo com uma ótica antropológica contemporânea que discuta natureza e cultura, questionando tal dicotomia, visando posteriormente fornecer subsídios teóricos para repensar o conceito na ciência da informação por meio de uma antropologia que, também a respeito de suas próprias discussões internas, rompa com modelos dualistas.

No entanto, cabe ressaltar que se trata de um estudo preliminar que não busca, de forma alguma, esgotar a discussão. Ao contrário, a proposta é a de ser um ponto de partida para futuras investigações e possíveis interconexões multidisciplinares. Espera-se, assim, que esta pesquisa contribua para um entendimento mais abrangente, contextualizando tanto natureza e cultura quanto sujeito informacional. Diga-se de passagem, a relação entre informação, cultura e subjetividade é um campo em constante discussão, influenciado por constantes mudanças sociais, tecnológicas e culturais.

REFERÊNCIAS

ALVES-BRITO, Alan; MACEDO, José Rivair. A história da ciência e a educação científica pelas perspectivas ameríndia e amefricana. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 1-20, 2022. Disponível em: https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/804. Acesso em: 07 maio 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 9-15, dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ci/a/DZcZXSqTbWHpF6fhRm8b9fP/abstract/?lang=pt. Acesso em: 07 maio 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila; CARMO, Rejane. Sujeito informacional: bases conceituais para sua compreensão. **Informação em Revista**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 85-95, jul./dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43934/29698. Acesso em: 06 maio 2025.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Do usuário da informação ao sujeito informacional: reflexões sobre pressupostos conceituais a partir de pesquisas brasileiras. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação,

Florianópolis, v. 28, p. 1-28, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/90127. Acesso em: 07 maio 2025.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BORTOLAMI, Gabriele. **Sebentas do curso de teorias antropológicas**. Luanda: Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Investigação Científica, 2024. Disponível em: https://www.bortolami.altervista.org/documents/sebentas_000.pdf. Acesso em: 07 maio 2025.

BUCKLAND, Michael. **Information and information systems**. New York: Praeger, 1991a.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, p. 351-360, 1991b.

BUCKLAND, Michael. What is a "document?" **Journal of the American Society for Information Science**, v. 48, p. 804-809, 1997.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360/17954. Acesso em: 06 maio 2025.

FERREIRA, Pedro Peixoto. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 8, n. 2, p. 171-174, jul./dez. 2016. Disponível em: https://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/12/Vol8no2_13_EVC.pdf. Acesso em: 07 maio 2025.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Caráter seletivo das ações de informação. **Informare**: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v. 5, n. 2, p. 7–31, 1999. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/126. Acesso em: 06 maio 2025.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis. **Knowledge Organization**, v. 44, n. 6, p. 436–464, 2017.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, Hoboken, v. 53, n. 4, p. 257-270, 2002.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. From complementarity to obviation: on dissolving the boundaries between social and biological anthropology, archaeology, and psychology. **ZeitschriftfürEthnologie**, v. 123, n. 1, p. 21-52, 1998.

INGOLD, Tim. **Perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. New York: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, 2012.

ODDONE, Nanci Elizabeth. **Atividade editorial & Ciência da Informação**: convergência epistemológica. 1998. 266 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, 1998. Disponível em: http://eprints.rclis.org/3847/1/NanciOddone_1.PDF. Acesso em: 06 maio 2025.

SIQUEIRA MACHADO, Rafael. Entre Foucault e a antropologia: “verdade” e “relação” em dialogia com o pós-estruturalismo antropológico. **CSOnline:** Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 22, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batista. **Metafísicas canibais**. São Paulo: CosacNaify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batista. O nativo relativo. **Mana**: Estudos de Antropologia Social, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002b.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batista. Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena. *In*: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batista. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac
Naify, 2002a.